

SE GUIDO CONFORTI VIVESSE NA AMAZÔNIA, QUAIS ENSINOS NOS DEIXARIA?

Ninguém pode compreender o Conforti e a sua vida santa se não se baseia na atrativa que ele sentia pelo Cristo crucificado. A partir da sua infância, a atração pelo Cristo na cruz constituiu o começo dramático da sua consciência cristã e da santidade que irá abraçar e viver como firme e irrenunciável propósito. A atração pelo Cristo na cruz foi o raio misterioso que lhe indicou o caminho a percorrer na vida, o abismo de luz em que teve que tropeçar, a via de Damasco de um anjo em carne em vez que de um fariseu perseguidor. Foi um carisma, um segundo e mais autêntico batismo que, convertido em vocação, virou chamado extraordinário para a conversão do mundo ao evangelho. Sem aquele encontro com Cristo crucificado não teria existido o Conforti que conhecemos e que amamos, não existiria a nossa família missionária e não estaríamos trabalhando como irmãos nesta provada e histórica vinha do Senhor.

01. UMA ESTIMULANTE PERGUNTA. Admirados com aquilo que aconteceu com Guido Conforti desde criança, a gente se coloca uma pergunta: se Conforti vivesse hoje entre nós, aqui na Amazônia, de que maneira ele manifestaria a sua atração pelo Cristo pregado na cruz? Além de perscrutar no Cristo crucificado o amor imenso que vem salvar e orientar a família humana para a realização do Reino de Deus, podemos imaginar algo de mais específico e pessoal no caso do nosso fundador.

Lembrando-nos de exemplos clássicos registrados na tradição da Igreja, Conforti veria no crucificado a compaixão, a solidariedade e a identificação de Jesus com o pobre de todos os lugares e tempos. Com certeza ele conhecia a inquietante pergunta de S. João Crisóstomo: "A que serve um cálice de ouro para o Cristo do altar, se o Cristo da rua está morrendo de fome e de frio?" Mais ainda podia conhecer o princípio básico que tinha regido toda a atividade caritativa de Vicente de Paulo: "Se estás rezando na igreja e da rua te chamam para que socorras alguém que precisa de ti, deixa o Cristo da igreja e vá ao encontro do Cristo da rua".

Assim mesmo, aqui na Amazônia Conforti enxergaria no Cristo crucificado a imagem dos pobres que foram chamados por Deus a carregar a mesma cruz, aquela cruz que fez do Cristo o salvador do

mundo. De fato, se é verdade que Cristo se identifica com o pobre, é também verdade que o pobre, qualquer ele seja e qualquer seja a sua religião, se identifica com o Cristo e adquire os méritos que Ele ganhou na hora de imolar-se pela humanidade. Segundo o escritor japonês Suzaku Endo, Jesus se comovia e chorava ao ver os irmãos israelitas, filhos de Abraão e Jacó, sofrer sob o jugo da opressão e da dominação. Toda a vida de Cristo por ele apresentada é uma apaixonante reconstrução dos encontros de Jesus com seus irmãos hebreus maltratados e sufocados na terra em que o próprio Pai do Céu os tinha colocado. Encontrando eles, Cristo imagina seus sofrimentos, sua paixão e morte e assume a todos na sua missão salvadora. É por causa destes irmãos que Cristo aceitou de morrer como um marginal, um preso, um excomungado, um pagão ou um ateu. Fazendo eco ao Evangelho de Mateus (5,11), um outro fundador de missionários, S. Daniel Comboni, dizia aos seus seguidores: "Bendito o dia em que vocês serão maltratados e perseguidos por causa dos pobres".

Por ultimo, na identificação de Jesus com os crucificados do mundo e de todos os tempos, descobriríamos uma terceira maneira do Conforti se relacionar com os pobres da Amazônia. Certamente seria tentado e faria o possível para misturar-se aos pobres, viver no meio deles à maneira de dom Helder Câmara, e morrer como eles morrem. O que já aconteceu no Brasil e na AL com alguns insignes representantes da sequela de Cristo, seja que fossem pessoas consagradas como padre Ezequiel e irmã Doroty, seja que fossem simples batizados como Chico Mendes ou o Benezinho de Tomé Açu.

02. A PAIXÃO MISSIONÁRIA DE S.GUIDO CONFORTI.

Retomando o tom interrogativo posto acima, poderíamos agora nos colocar uma segunda pergunta: Se Guido Conforti estivesse conosco, aqui na Amazônia, como ele expressaria a sua incontentável paixão missionaria? Aqui na Amazônia não temos gentios se não se consideram algumas pequenas tribos de indígenas que, sob certos aspectos, revelam de viver a partilha evangélica como nós ou mais do que nós. Aqui na Amazônia temos somente cristãos e, como afirmava Bruce Marshall, pode ser mais fácil converter os pagãos do que os cristãos.

Mesmo assim , acho que a Amazônia merece aquela paixão que Conforti tinha pela expansão da igreja e a conversão de todos os povos da terra. Como somos herdeiros da visão missionaria que nos proporcionou o Concilio Ecuménico Vaticano II, não poderíamos, em nome do Conforti, deslizar de um problema de quantidade para

um problema de qualidade? Apesar de olhar para o mundo em forma um tanto romântica, já no século XIX Conforti estava aberto aos valores dos povos, às sementes do Verbo espalhadas nas culturas deles. Recomendava aos seus missionários não somente de respeitar os costumes dos povos que os acolhiam, mas também de entrever e colher nestes costumes o que era naturalmente bonito e cristão, trazendo para a Itália e para a Igreja mãe provas e símbolos daqueles valores preciosos.

E bem, aqui na Amazônia há valores e sementes de valores que mereceriam toda a paixão que Guido Conforti sentia pela salvação dos povos não ainda batizados. Aqui na Amazônia há valores que enriqueceriam a igreja inteira e poderiam tornar muito mais eficaz e aproveitável a sua ação missionária pelo mundo a fora. Quais entre estes valores mereceriam a maior atenção de Guido Maria Conforti?

Em primeiro lugar Guido Conforti apreciaria a extraordinária capacidade afetiva do nosso povo, sobretudo quando ela desponta entre os pobres e os pequeninos. Neste caso, de fato, nos parece mais fácil relacioná-la com a afetividade de Deus, ou com a própria definição de Deus que o apóstolo João nos proporcionou: "Deus é amor " (1Jo, 4,8). Pelo novo testamento viemos de fato saber que Deus não é mais o majestoso e terrível senhor todo poderoso das pragas do Egito ou dos castigos infligidos aos israelitas no deserto, mas é um ser que se faz criança, pequeno, pobre e impotente, ao ponto de saber amar até o fim, até a morte. Quando o nosso povo humilde ama e faz partilha nos fala deste Deus que, para nos amar de um amor absolutamente desinteressado e total, se tornou desprezível e insignificante.

A capacidade afetiva do nosso povo é extraordinária por dois motivos: pelo tamanho ou infinidade que ela aparenta e pela origem misteriosa que ela insinua possuir. Se não é o próprio Deus, a afetividade é a atmosfera em que ele vive, o ar que ele respira e no qual nos envolve a todos. Suspeito que a afetividade de Deus seja uma mina de ouro ainda pouco explorada e, por consequência, a afetividade de nosso povo, uma moeda preciosa que ainda não foi oficialmente posta em circulação. Não caberia a nós aprofundar e explorar este dom divino depositado no coração do nosso povo? Não caberia a nós dotados da paixão missionária do Conforti tornar este dom divino algo de mais utilizável para a transformação do mundo no Reino de Deus?

Em segundo lugar, além da surpreendente capacidade afetiva, quais outros valores seriam, aqui na Amazônia, de máximo interesse para Guido Maria Conforti? Acrescento ao valor misterioso e sacramental da capacidade afetiva, ainda muito pouco aproveitado na vida eclesial e na evangelização dos povos, outros valores que acompanham a afetividade ou são a ela reduzíveis, tais como:

- a tendência a perdoar e absorver as culpas dos irmãos;
- a alegria de aceitar em casa crianças sem família;
- a adoração e desmedida esperança que suscitam, nas famílias e comunidades, as crianças recém-nascidas;
- a inaudita disposição a engolir sapos, aturar ofensas e aguentar sofrimentos que podem raíar o martírio;
- a alegria de se encontrar, conviver e partilhar com a maior simplicidade e naturalidade, evitando quase que involuntariamente complicações ideológicas ou doutrinárias.

Todos estes valores e muitos outros, que cada qual pode descobrir por sua conta e experimentar se são ou não evangélicos, esperam um Conforti que com sua desmedida paixão os saiba acolher, pesar e purificar para torna-los instrumentos valiosos e indispensáveis do Reino.

03. O TRATO NOBRE, RESPEITOSO E CARINHOSO. É clássica e proverbial a nobreza com que Conforti tratava as pessoas e queria que se tratassem seus filhos xaverianos entre si. O que já seria por si mesma uma resposta saudável e válida à afetividade do nosso povo. Conforti como Francisco de Sales conquistaria este povo somente com seu trato gentil e acolhedor, sorridente e amável. É quase inacreditável que nós xaverianos da Amazônia não tenhamos apreendido uma lição que os políticos honestos e desonestos sabem por em prática com a maior esperteza: a lição da fineza e do trato bondoso, meigo e fraternal. Se os políticos usam este trato para explorar o povo e impor-lhe em seguida pesos que ninguém deles carregaria nem sequer com um dedo, como bem se expressa o Evangelho, por que não deveríamos usá-lo nós mensageiros do Reino e da vida de amor que procede do seio da Trindade?

Notemos a este propósito a existência de uma chave muito simples para entendermos o que acontece e nos convencer que deveríamos proceder com os modos de Conforti e Francisco de

Sales. Por que os políticos conseguem o sucesso eleitoral oferecendo um boné, uma camisa ou um saquinho de feijão? Não somente porque o povo é pobre e precisa de tudo, mas também porque o povo se deixa encantar e comprar por um ato de gentileza e de amizade. Os políticos sabem que o povo humilde e simples raciocina por meio de uma lógica elementar para não dizer pueril. Frente ao boné, à camisa ou ao saquinho de feijão que pode ganhar, o povo pensa que poderá ganhar muito mais quando o seu político ira vencer e cumprir as promessas feitas e publicadas aos quatro ventos. A lógica elementar, pois, não faz distinção entre o símbolo e a realidade, entre o boné recebido antes das eleições (o símbolo) e o cumprimento das promessas após a vitória (a realidade). O povo vê com a maior naturalidade a continuidade entre símbolo e realidade, entre boné e a prosperidade prometida e programada.

É preciso que, de acordo com Conforti e Francisco de Sales, levemos em conta esta lógica elementar, esta continuidade entre símbolo e realidade e a utilizemos da melhor maneira possível. Temos o direito e o dever de usá-la ao cem por cento, porque o que prometemos com o símbolo da gentileza e da fraternidade será cumprido por Deus com a máxima fidelidade. O Reino de Deus que prometemos e que queremos alcançar merece que o anunciemos com gestos e símbolos adequados, tirando-os do tesouro do coração e da caridade com a qual Cristo nos amou.

Notemos também uma outra forma de esperteza dos políticos: governadores, ministros, deputados e senadores. Eles sabem se misturar ao povo, aparentando nem pretensões nem qualquer forma de superioridade. Sabem apertar a mão aos mais humildes e mostrar fraternidade, dedicação à causa dos pobres e dos danados da terra. Agora, se eles assim se comportam para enganar o povo e explorá-lo ainda mais, se usam o mel para prender as moscas e trucidá-las, porque não deveríamos usar o mel para convence-las a viajar conosco no caminho que leva ao céu? Tenho a impressão de que uma tendência estranha e inimiga do evangelho nos leva a fugir do povo, a evita-lo ou a fechar-lhe a porta na cara. Mas, fugir do povo não é a mesma coisa que fugir de Deus e pular fora da rede que, lançada pelo povo, nos arrastaria até seu Reino? Se é verdade que o povo precisa de nós, é verdade ainda maior que nós precisamos do povo. Precisamos do povo, dos pobres, dos humildes e dos crucificados, dos presos e dos marginalizados para encontrarmos Deus e nos confrontarmos com ele. "Era peregrino e me acolheste. Era nu e me vestistes. Era preso e me visitastes". Irmãos, os pobres estão com Deus sempre, porque ele mesmo

tomou tal decisão, e nós? Além de ficarmos muitas vezes longe de Deus ou sistematizados em fortalezas inexpugnáveis, com truques burocráticos ou diafragmas artificiais, recusamos ao próprio Deus quando ele vier bater à nossa porta.

04. CONFIANÇA NOS SEUS IRMÃOS E FILHOS.

ABERTURA PARA A MODERNIDADE. Estas duas qualidades ou virtudes, bem entrelaçadas entre si, são as mais citadas pelos xaverianos que conheceram Conforti ao vivo. Embora fosse bispo e concentrasse em si mesmo enormes poderes naquela época, Guido Conforti com os seus xaverianos era mais um pai ou um irmão maior. Por dois motivos: porque os xaverianos eram religiosos professos, como ele, e porque sendo destinados aos países de missão e continuamente perseguidos pelo risco de permanecerem isolados e longe dos colegas ordinários, deviam ter mais autonomia de comportamento, mais liberdade e criatividade. Por tudo isso, o que Conforti não permitia ao clero secular, o permitia aos xaverianos: se veja o uso da bicicleta e do vestuário local. Se veja a permissão dada aos estudantes xaverianos, sob a guia de padre Bonardi, de se acampar em vários pontos do Apenino parmense e de tomar banho nas torrentes, de exercitar-se em arte fotográfica e realizar filmes que teriam servido para propagar o pensamento e a atividade missionária. Em padre Bonardi o Conforti tinha a mesma confiança que teria tido com sua mãe e com o cardeal Ferrari seu mestre. Tratava os apostolinos (= seminaristas xaverianos) como fossem pessoas adultas já destinadas a conviver e colaborar com ele. Não se falava absolutamente de democracia na Igreja, naquela época, mas Conforti era capaz tanto de se desentender com os irmãos quanto de fazer marcha a ré e de pedir perdão.

Padre Augusto Luca me contou uma vez algo de emocionante. Nos últimos tempos da sua vida, Conforti foi fazer visita a um sacerdote com o qual se tinha desentendido. Entrou na casa dele e logo manifestou o desejo de conversar, de tratar de alguma coisa importante, mas o padre diocesano, ex xaveriano de nome Licínio Del Monte, não topava e dava a entender que não tinha a menor intenção de topar. Então Conforti se sentou e pediu ao padre Licínio de sentar também e de olhar para ele. Naquele instante, Conforti levantou a batina vermelha até a altura do joelho com a intenção de revelar um estado de coisas que o padre Licínio não suspeitava. As pernas do bispo eram inchadas e avermelhadas, sua pele era cadente e seus joelhos quase não se reconheciam. Aí o bispo colocou uma pergunta dizendo: "Padre Licínio, você teria coragem de não perdoar a um bispo que está nesta condição?". Naquele mesmo instante o padre se levantou e abraçou seu bispo chorando.

05. A REGULARIDADE E INSISTÊNCIA NO TRABALHO PASTORAL. Vinte e cinco anos de episcopado e cinco visitas pastorais às trezentas paróquias da diocese de Parma, passando e parando em cada uma, confessando, confortando, administrando sacramentos. Acho para mim que este foi o maior milagre operado por Guido Maria Conforti ainda em vida. Um milagre tão grande que bastaria para beatificar uma meia dúzia de Servos de Deus. Tomás de Aquino não produzia milagres após a sua morte. Aí o papa da época, João XXII, francês residente em Avinhão, achou uma solução magistral: "Cada artigo da Suma Teológica é um milagre. Não precisa mais nada".

Qual sentido teria para nós da Amazônia este trabalho pastoral metódico, aprimorado, paciente e heroico ao ponto de durar 25 anos?

Já sabemos que brasileiro não gosta excessivamente de ordem, de sistemática e de regularidade. Mesmo assim temos que distinguir entre metodologia e conteúdo, entre ordem e dedicação, entre linguagem e amor, sacrifício, martírio. Não temos mártires que deram sua vida num instante, num lance estupefaciente de doação? Às vezes fizeram isso sem ter uma situação regular, um casamento feito na igreja ou filhos legitimados. Entretanto eles foram verdadeiros mártires, verdadeiras testemunhas de Cristo e salvadores do seu povo. Aos brasileiros e amazônicos não podemos pedir horário rígido, programação detalhada, movimentos lógicos e mecânicos. Seria como fazer buracos na água ou subir para o céu sem escadaria. Aos brasileiros, porém, podemos pedir muito mais do que isso: generosidade e alegre doação de si mesmos, sacrifícios e martírios. Que Conforti sustente esta nossa hipótese e nos ajude a verifica-la e comprová-la.

06. A CONSCIÊNCIA DO FRACASSO E DO FIM DE TUDO. Deixei este ponto por último e gostaria que fosse uma surpresa para os meus ouvintes. Sempre os grandes santos tiveram a consciência do fracasso: de Jesus na cruz até Francisco de Assis, de Afonso de Liguori a Guido Maria Conforti. Liliana Cavani apresenta brilhantemente esta consciência com o seu filme sobre Francisco de Assis. Os frades não lhe obedecem mais. A sua agregação fraterna em vez que um grupo de pobrezinhos mendicantes se tinha tornado uma ordem conventual de normas quase monásticas, rica em pessoal que estuda e domina as universidades da Europa. Durante o último capítulo chamado das esteiras, Francisco foi até destelhar a sala dos encontros, jogando com raiva as telhas no chão e gritando que mendicantes não tem casa nem teto e devem

sobreviver andando pelos caminhos e bosques, como os bichos selvagens e os pássaros do céu. Mas ninguém excuta Francisco e ele, amargurado e decepcionado, se afasta do tumulto de uma ordem institucionalizada e se dirige para a solidão do Monte Avena. Entre pedras e torrentes impetuosas, caminhando entre espeluncas e esconderijos cada vez menos acessíveis, Francisco pede a Deus que lhe diga uma palavra, lhe dê uma resposta. É ele que está no certo ou são os outros, estes que fizeram dos seus discípulos uma ordem poderosa e onipresente? Deus gosta ou não gosta do trabalho do Francisco? A resposta de Deus chega ao Francisco de maneira misteriosa e constrangedora. Enquanto tenta retomar o caminho entre pedras e raízes, Francisco cai num precipício e se esfacela no chão. Fica desmaiado por alguns tempos e, na hora de despertar, descobre que suas mãos e seus pés estão sangrando e são perfurados como as mãos e os pés de Cristo na cruz. Francisco compreende a mensagem de Deus e aceita de morrer na cruz como seu mestre.

Como Conforti chegou a ter consciência do fracasso e do fim de tudo? Num dia de 1964, quando sob a proteção do mais antigo dos xaverianos, o padre Giovanni Bonardi, por causa de trabalho eu morava em Roma, o próprio padre Bonardi me chamou e me pediu se costumava escrever diário e se sabia escrever num italiano passável. "Diario não costumo escrever, respondi, mas quanto à redação posso dizer que até gosto e até gostaria praticar mais". "Então, prosseguiu ele, excute tudo quanto lhe contarei hoje e nos próximos dias e coloque tudo num papel. Esconda pois suas notas e as puxe para fora somente na hora certa, quando alguém precisar seriamente delas, após eu ter desaparecido deste mundo".

Aí padre Bonardi começou a me contar uma história que não conhecia e que nunca teria suspeitado que pudesse existir. Era a história do fracasso de Mons. Conforti. Partia antes de tudo de uma escandalosa diatribe que tinha estourado na congregação entorno das ofertas para a celebração de missas. Parte destas ofertas ficavam na Itália, ao fim de serem utilizadas no sustento dos xaverianos da casa madre, e parte viajavam para a China. Mas lá na China os xaverianos do campo missionário pensavam de maneira diferente. Achavam que todas as ofertas tinham sido capturadas em nome deles e deviam ser entregues a eles na totalidade. Para sanear a situação e, sobretudo, para não tirar o pão da boca dos estudantes xaverianos de Parma, Conforti e Bonardi foram penhorar a Casa Madre num banco de Fidenza, onde não eram conhecidos e mandaram para a China o total conseguido e que lá era esperado.

Pouco depois Conforti e Bonardi viajaram de navio para a China, na certeza que teriam encontrado paz e acolhida fraterna. Mas, nada disso. Inspirado pelo superior religioso da área, dom Luiz Calza enfrentou o fundador com palavras inesperadas: "Se lembre que aqui não é sua diocese. Se o senhor veio para fiscalizar nosso trabalho, pode voltar logo para a Itália".

Em seguida, após o retorno a Parma, conseguido com uma viagem massacrante ao longo da ferrovia transiberiana, Conforti confessava a alguém dos mais íntimos, talvez ao próprio Bonardi: *"Minha viagem até a China? Foi o maior fracasso de toda a minha vida"*.

A curiosa história porém não parava aí. No dia seguinte padre Bonardi me cumoulou de outras informações não menos constrangedoras. Me contou que um dia foi chamado pelo Conforti e este lhe disse: "Você não será o meu sucessor, nem o padre Alfredo Popoli (as duas colunas do instituto xaveriano naquela hora). Já concordaram em nomear, em seu lugar, o padre Amatore Dagnino e, como substituto ou vigário geral, o padre Eugénio Morazzoni. Se prepare para desaparecer, retirando-se a Roma como procurador junto à Santa Sé".

Numa palavra, antes de enfrentar a morte, na idade de apenas 66 anos e meio, Guido Maria Conforti tinha plena consciência de que a sua obra não ia prosseguir na linha dele e com o homem certo colocado por ele no ponto certo. Qual a razão desta mudança de leme e de estilo? Segundo padre Bonardi, se andava dizendo que os sucessores naturais de Conforti –os padres Bonardi e Popoli– apesar de serem os mais legítimos interpretes das suas aberturas e liberalismos, eram olhados como uma dupla que, fazendo panelinha à parte, teriam manipulado o pensamento do fundador e inquinado a sua herança. A congregação ficou então na mão de um grupinho moralista e rabugento que, salva a boa fé e a retidão pessoal indiscutível, se ocupou mais em corrigir os defeitos do que em apresentar programas e ideais evangélicos de larga e mais bíblica visão.

Que dizer então desta consciência do fracasso em função da nossa presença e trabalho na Amazônia? Resposta: estamos na mão de Deus e, por razões tanto justas quanto imperscrutáveis, Deus poderá em qualquer momento pedir a nós aquilo que pediu ao Conforti, ao Bonardi e mil outros mais importantes do que nós. É esta a lei da história e da Providência, a lei que nos crucifica e nos

salva, levando-nos a participar da salvadora morte de Cristo na cruz.

Savino Mombelli

Belém do Pará, 5 de novembro de 2012.